



# A CARTILHA DE LOBBY DAS BIG TECHS

As estratégias das gigantes de tecnologia para influenciar regulação e governos em todo o mundo.



Originalmente publicada em inglês pela organização holandesa SOMO, que investiga grandes corporações multinacionais.

Ilustrações: Maximo Tuja [comissionado por SOMO, 2026]

## PREFÁCIO

# EXPOR, ENTENDER, COMBATER

Como pode ser tão confortável para as big techs exercerem seu poder de influência entre autoridades, políticos e reguladores? As estratégias são muitas: são “estudos” encomendados, emendas parlamentares escritas por lobistas, ex-funcionários públicos sendo contratados. São happy hours, fotos orgulhosas de profissionais da área de ‘policy’ das big techs com representantes do governo. São camarotes open bar. E zero constrangimento.

Nós acreditamos que é fundamental expor como opera essa estrutura de influência. Ela é sofisticada, profunda e ao mesmo tempo quase invisível: não há dados sobre gastos ou o tamanho dessa indústria no Brasil. O que a gente sabe é que no nosso país há um lobista para cada sete congressistas e quase duas mil ações de influência mapeadas pela investigação [A Mão Invisível das Big Techs](#).

Nos lugares em que a conta é feita, dá para entender seu tamanho: nos EUA, foram US\$ 50 milhões gastos em lobby pelas big techs só em 2025. Na Europa, foram 35 milhões de euros – mais de 200 milhões de reais. O setor de tecnologia gasta mais em lobby do que petroleiras e farmacêuticas.

**"A classe política precisa estar crítica, atenta e ouvir o que a população brasileira quer, não os bilionários do Vale do Silício e seus porta-vozes simpáticos que circulam em Brasília."**

Suas estratégias de captura e influência repetem as de outras indústrias. Só que as big techs ainda têm dois componentes fundamentais que as tornam ainda mais poderosas: a percepção pública sobre elas e o controle das narrativas. Afinal, elas controlam, também, a própria infraestrutura de comunicação.

Em fevereiro deste ano, [a SOMO](#), uma organização holandesa que investiga grandes corporações, publicou uma série expondo como opera o lobby das big techs pelo mundo. Analisando seis regiões – Austrália, EUA, Quênia, Europa, Índia e, claro, Brasil – as pesquisadoras constataram que as big techs seguem uma espécie de cartilha, repetindo as mesmas práticas por onde passam. Porque funcionam.

## PREFÁCIO

São práticas que conhecemos bem, como instrumentalizar suas plataformas, controlar as narrativas, criar câmaras de eco, usar Donald Trump para chantagear os governos e fazer alianças com a extrema-direita.

Parece um poder difícil de combater, e é. Mas, nos lugares analisados, também foi possível constatar uma série de contra-estratégias que a sociedade e reguladores do mundo usaram para resistir a essas investidas agressivas das empresas de tecnologia. O caso do ECA Digital aqui no Brasil, por exemplo, é um deles: a sociedade civil organizada soube aproveitar um momento de comoção para impor uma derrota às big techs e estabelecer regras mais duras para proteger crianças e adolescentes online.

O resultado foi publicado na [Cartilha de Lobby das Big Techs](#), em inglês, e nós decidimos trazer esse material aqui para o Brasil. Agora, as estratégias e as contra-estratégias estão disponíveis em português e serão base para uma série de ações da CTRL+Z nas próximas semanas.

Porque, como mostra a *Contra-estratégia #1*, o lobby gosta de operar nas sombras. E nós precisamos expor como funciona essa máquina de influência. Entender seus mecanismos e identificar quando ela está em ação. Precisamos pressionar nossos legisladores e políticos – eles respondem para nós, não para eles.

A classe política precisa estar crítica, atenta e ouvir o que a população brasileira quer, não os bilionários do Vale do Silício e seus porta-vozes simpáticos que circulam em Brasília. Expondo como operam, a gente cria uma espécie de vacina: uma vez que você enxerga essas práticas de influência como lobby, você nunca mais vai comprar esse discurso.

“As experiências do Brasil mostram como as big techs transformam o seu controle sobre plataformas numa arma para impedir a adoção de leis que protegem pessoas e democracia. É um exemplo grave”, diz Margarida Silva, pesquisadora da SOMO. “A única forma de rebater é nos unindo, aprendendo uns com os outros. É por isso que ficamos tão felizes por colaborar com a CTRL+Z, uma organização que defende e organiza pessoas diretamente para retomar a internet”.

Nós esperamos que esse material, cedido gentilmente pela SOMO, funcione como essa imunização. Espalhe por aí.

Um abraço,  
Equipe da CTRL+Z

Maio de 2026

ÍNDICE

## **INTRODUÇÃO**

*Uma cartilha global*

---

### **PARTE 1 – AS ESTRATÉGIAS**

**#1** Controlar a narrativa

**#2** Criar uma câmara de eco

**#3** Transformar suas próprias plataformas em armas

**#4** Nunca parar de fazer lobby

**#5** Jogar a carta Trump

**#6** Repetir globalmente

→ Estratégia para o futuro: a aliança com a extrema-direita

### **PARTE 2 – AS CONTRA-ESTRATÉGIAS**

**#1** Expor a máquina de influência

**#2** Revelar vínculos ocultos

**#3** Retomar a narrativa

**#4** Contra-atacar nos tribunais

**#5** Unir os muitos para resistir aos poucos

**#6** Conectar formuladores de políticas sob cerco

**#7** Tornar ilegal a instrumentalização das plataformas

**#8** Aproveitar o momento

#### **AUTORAS:**

*Margarida Silva (pesquisadora sênior de tecnologia)*

*Misa Norigami (pesquisadora de corporações)*

## INTRODUÇÃO

# UMA CARTILHA GLOBAL

Em todos os continentes e sistemas políticos, as big techs utilizaram um manual claro de lobby para proteger seus interesses comerciais. Do Brasil à Índia, da União Europeia ao Quênia, as gigantes da tecnologia usam as mesmas estratégias e táticas para moldar, atrasar ou matar regulações que ameaçam seu vasto poder monopolista e seus lucros igualmente vastos. Seja o campo de batalha da IA ou os direitos dos trabalhadores de plataformas, essas empresas operam a partir do mesmo manual. E por que não operariam? Como os casos desta série demonstraram, isso funciona.

Os estudos de caso revelam uma forma altamente tóxica de influência política, em que as big techs manipulam o processo legislativo e regulatório de maneiras que ameaçam a democracia. As estratégias que as gigantes da tecnologia utilizam vão muito além do lobby corporativo clássico. Como a maioria dos setores empresariais poderosos, elas têm acesso regular e direto a políticos e formuladores de políticas de alto escalão. Mas seu acesso tem uma vantagem que nenhum outro setor jamais teve, nem mesmo os impérios de mídia tradicional: o controle da infraestrutura global de comunicação. Ao serem donas da forma como as pessoas acessam e compartilham informações, as big techs estão em posição de ameaçar governos e moldar o ambiente em que o debate público acontece.

Falamos em uma cartilha de lobby porque o que as big techs fazem ecoa as táticas da indústria do tabaco para bloquear leis de saúde pública – o chamado “playbook da indústria do tabaco”. Análises posteriores mostraram que as empresas de tabaco estavam, na verdade, emulando como as empresas de petróleo frustraram deliberadamente ações contra as mudanças climáticas. Mas as big techs levaram o lobby corporativo a um patamar inteiramente novo. Essas empresas têm a influência com que as petrolíferas e a indústria do tabaco sonharam ter.

### ***Elas também são mais ricas que Deus.***

As estratégias descritas a seguir não são todas exclusivas das big techs, mas são usadas por essas gigantes da tecnologia de maneiras distintas. Ao expor e compreender esse manual, podemos começar a construir o contrapoder necessário para retomar o controle democrático sobre o futuro digital.

# **AS ESTRATÉGIAS**

*Seis movimentos testados e comprovados que se repetem, com pequenas variações, em cada jurisdição onde a regulação das plataformas entra em pauta.*

## **ESTRATÉGIA #1**

### **CONTROLAR A NARRATIVA**

As big techs sabem o valor de uma boa história. Elas conseguiram, em todas as seis jurisdições cobertas nesta série, capturar a narrativa quase desde o início dos esforços de qualquer governo para regulá-las. E suas narrativas funcionam. A história central geralmente se concentra na prosperidade econômica e no bem-estar futuro. A serviço dessa narrativa, elas transformaram "inovação" em uma palavra quase mágica, invocada incansavelmente. O conceito se constrói sobre o "solucionismo" tecnológico, a crença, fomentada pela indústria e entrelaçada em sua história, de que a inovação tecnológica pode resolver os problemas do mundo.

***Como resultado do lobby das big techs, a "inovação" é algo que os formuladores de políticas encaram como uma coisa inquestionavelmente positiva.***

A palavra foi codificada com um significado mais amplo que serve tão eficazmente aos interesses das big techs que, quando é invocada, tudo o que a maioria dos formuladores de políticas parece ouvir é "prosperidade econômica". Nesse léxico, toda "inovação" é positiva, mesmo que signifique derrubar décadas de proteções trabalhistas conquistadas a duras penas, ou permitir que redes sociais causem danos a crianças, ou sugar a vida de pequenos negócios. Todos esses são resultados da "inovação" tecnológica e estão evidentes nos países onde o argumento da inovação é empregado.

"A tecnologia evolui rápido. Inovação é evolução. Embarque ou fique para trás", dizem as big techs. "Se vocês nos 'regularem demais' vão arriscar seu futuro econômico; nos deixem em paz e vocês prosperarão", afirmam. É uma história simples e poderosa. Evoluir ou morrer se torna inovar ou morrer. E elas (afirmam que) são as inovadoras por excelência. Como há elementos de verdade entrelaçados na enganação, a história funciona. Os potenciais benefícios da inovação tecnológica se tornam sinônimo da ideia de que não deveríamos regular vastos impérios corporativos.

Em nenhum lugar o axioma da "inovação" foi empregado de forma mais poderosa do que nos esforços das big techs para barrar legislações sobre o desenvolvimento da IA. Aqui, as empresas injetaram um senso potente de urgência na narrativa.

Da Austrália à União Europeia, as big techs contaram a história de uma corrida global para "vencer" na IA. Está longe de ser claro o que isso realmente significa, mas as big techs ainda assim levaram governos a acreditar que o futuro de suas economias estava em jogo. A metáfora da "corrida" transmite uma mensagem subliminar: não parem [a gente], não demorem [para pensar sobre para onde isso está indo e como gerenciar os riscos]. Como os casos desta série demonstram, a metáfora da "corrida para vencer" funciona.

***Enquanto a narrativa dominante é que as big techs são essenciais para a prosperidade econômica, as empresas também demonstraram uma habilidade astuta de cooptar a linguagem do ativismo e dos direitos humanos para defender seus interesses. Em múltiplos países, as big techs se posicionam como campeãs da liberdade de expressão, apoiadoras de pequenos negócios e defensoras dos direitos do consumidor.***

Caso após caso, elas rotularam esforços para fazê-las conter conteúdo nocivo como censura. Um modelo de negócio que prende motoristas em dívidas enquanto abocanha um quarto de suas tarifas é enquadrado como ajuda a empreendedores. A regulação para conter o poder monopolista irá, dizem-nos, prejudicar os interesses dos consumidores e dos pequenos negócios.

Mas por que tantos acreditam no que é, se pararmos para pensar, frequentemente um absurdo? Uma razão é que as narrativas das big techs são marteladas implacavelmente.

## **ESTRATÉGIA #2**

### **CRIAR UMA CÂMARA DE ECO**

As big techs têm o poderio financeiro para garantir que suas narrativas sejam repetidas e promovidas, em todo lugar, o tempo todo. Com extensas equipes de lobistas, essas empresas podem simultaneamente defender sua causa perante presidentes e primeiros-ministros, e perante legisladores nos níveis intergovernamental, nacional e regional. Como visto na discussão sobre regulação de IA na União Europeia, os lobistas das big techs também podem se envolver e moldar discussões técnicas e especializadas desde a concepção até a implementação.

**As big techs também fazem amplo uso da "porta giratória", empregando ex-funcionários do governo como lobistas. Essa tática borra as fronteiras entre regulador e regulado.** Na União Europeia, cerca de três quartos dos lobistas credenciados do Google e da Meta são ex-funcionários públicos, por exemplo.

As big techs estão em toda parte, mas não falam sozinhas. Como os casos desta série demonstram, as gigantes da tecnologia alavancam (e às vezes criam) entidades setoriais, além de trabalhar com e pagar consultorias e think tanks que então amplificam seus argumentos. Elas também podem se dar ao luxo, como fizeram na União Europeia, de veicular campanhas publicitárias massivas, usando ferramentas de mídia tradicional. Mas essa arquitetura de influência é apenas o começo.

As gigantes da tecnologia também se envolvem no processo conhecido como *astroturfing* – financiando grupos que afirmam defender os interesses de pequenos negócios e consumidores, para fazer parecer que há uma base popular que "independentemente" apoia as posições das big techs.

Essa rede de amplificadores permite que as big techs criem uma câmara de eco e domine debates públicos e de políticas enquanto obscurece pelo menos parte de sua influência. E essa abordagem é potencializada por outra tática da cartilha que é exclusiva delas.

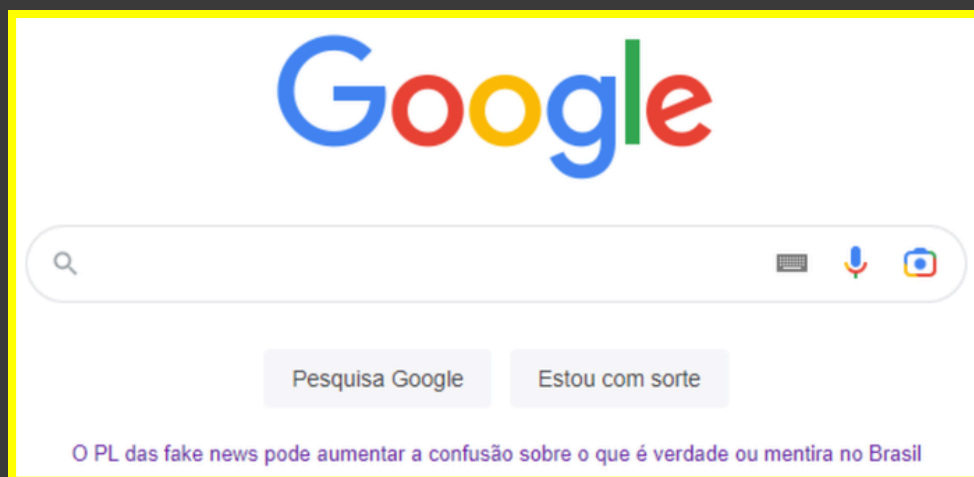
## **ESTRATÉGIA #3**

### **TRANSFORMAR AS PRÓPRIAS PLATAFORMAS EM ARMAS**

Em lugar nenhum o poder estrutural das big techs fica mais claro do que quando elas transformam em arma seu controle sobre as plataformas de comunicação dominantes. Empregada com efeitos significativos na Austrália e no Brasil, essa é a situação em que as empresas usam os próprios serviços que controlam – como mecanismos de busca, redes sociais ou aplicativos de mensagens – para influenciar o debate político e público.

Na Austrália, a Meta banuiu conteúdo de notícias em 2021 para forçar o governo a mudar sua política. Os australianos descobriram que não conseguiam acessar notícias, e muitas páginas que não eram de notícias, incluindo departamentos de saúde e abrigos para vítimas de violência doméstica, também foram afetadas. Esse caos fabricado forçou o governo a enfraquecer o News Media Bargaining Code em uma semana.

No Brasil, o Google inundou seus próprios canais com mensagens contra o Projeto de Lei das Fake News do Brasil e inseriu alertas nos painéis de criadores do YouTube, pressionando-os a se posicionar publicamente contra o projeto de lei. As mensagens enganosas levaram ao engavetamento do projeto.



O Google usou o seu próprio mecanismo de busca, que domina 99% do mercado brasileiro, para se posicionar contra o PL 2630, conhecido como PL das fake news.

***A capacidade de usar suas plataformas e canais quase ubíquos dá às big techs um poder coercitivo que nenhum outro ator privado na sociedade, incluindo outros grandes negócios, tem igual.***

## **ESTRATÉGIA #4**

### **NUNCA PARAR DE FAZER LOBBY**

Embora as big techs tenham um poder enorme para conseguir o que querem, às vezes elas fracassam. Os trabalhadores, consumidores, pais preocupados com seus filhos, pequenos negócios lutando para sobreviver, ou grupos de direitos humanos que resistem, às vezes, contra as probabilidades esmagadoras, vencem.

Nos últimos anos, no entanto, esses ativistas viram frequentemente suas vitórias serem corroídas ou revertidas por causa de uma tática usada pelas big techs em múltiplos países. Se as empresas não gostam do resultado, elas simplesmente continuam. A lei pode ser aprovada, as salvaguardas acordadas, mas as big techs continuam fazendo lobby mesmo assim. Esse lobby implacável, possibilitado por seus bolsos incrivelmente fundos, é difícil – senão impossível – para grupos de interesse público responderem.

As empresas têm uma variedade de formas de continuar fazendo lobby. Elas miram nos órgãos responsáveis pela implementação técnica de novas leis, como foi o caso do AI Act da União Europeia. Uma tática favorita é arrastar governos para processos judiciais longos e caros. Ao fazer isso, as empresas podem contestar a implementação em cada etapa. Na Europa, a Meta, a Apple e a Amazon contestaram repetidamente decisões tomadas sob o Digital Markets Act e o Digital Services Act. No Quênia, a Uber pediu aos tribunais que invalidassem uma nova lei que limitava o quanto ela podia extrair dos motoristas.

**Às vezes, os esforços para desfazer a legislação são ainda mais descarados. As gigantes da tecnologia simplesmente continuam pressionando legisladores e reguladores após a votação para reverter o que foi democraticamente acordado** [uma tática auxiliada pela estratégia cinco do manual]. Se e quando são finalmente forçadas a cumprir as leis, fazem-no de maneiras que minam a lei no que foi chamado de "conformidade maliciosa". Isso, como as outras vertentes desta estratégia, consome o tempo e os recursos de reguladores públicos e, em última instância, o dinheiro dos contribuintes.

## **ESTRATÉGIA #5**

### **JOGAR A CARTA TRUMP**

A maioria das big techs está sediada nos EUA, e elas há muito alavancam a dominância econômica global do governo estadunidense para promover sua agenda. Sob a atual administração Trump, o excepcionalismo dos EUA – nunca muito distante da superfície – se tornou um dogma: os EUA são diferentes. E suas empresas de tecnologia também. O resto do mundo deve agir de acordo, sob ameaça de penalidades econômicas [ou coisa pior].

***O comércio internacional se tornou uma ferramenta poderosa para traduzir os interesses das big techs em política externa dos EUA.*** Por meio de negociações comerciais, essas empresas exportam suas demandas de desregulamentação globalmente enquanto funcionários dos EUA ameaçam tarifas para forçar países a mudarem suas políticas. Em 2025, as tarifas recíprocas de Trump impuseram taxas punitivas a países cujas leis digitais "prejudicam empresas de tecnologia dos EUA". Quando a Meta rotulou uma multa do Digital Markets Act da Europa como uma "tarifa de bilhões de dólares", os EUA rapidamente ecoaram a Meta e aumentaram a pressão comercial.

As big techs não escondem como usam o poder econômico dos EUA para pressionar outros países a abandonarem regulações digitais. Frases como "censura estrangeira" e "discriminação contra empresas americanas" dialogam diretamente com a ideologia populista MAGA (Make America Great Again). As gigantes da tecnologia fizeram sua escolha, contribuindo com milhões de dólares para a campanha de Trump e o salão de festas da Casa Branca. Sua lealdade rendeu recompensas rápidas. O Canadá retirou sua proposta de Imposto sobre Serviços Digitais. A Índia removeu sua taxa de equalização sobre publicidade digital por empresas não residentes e a lei de e-commerce.

## ESTRATÉGIA #6

### REPETIR GLOBALMENTE

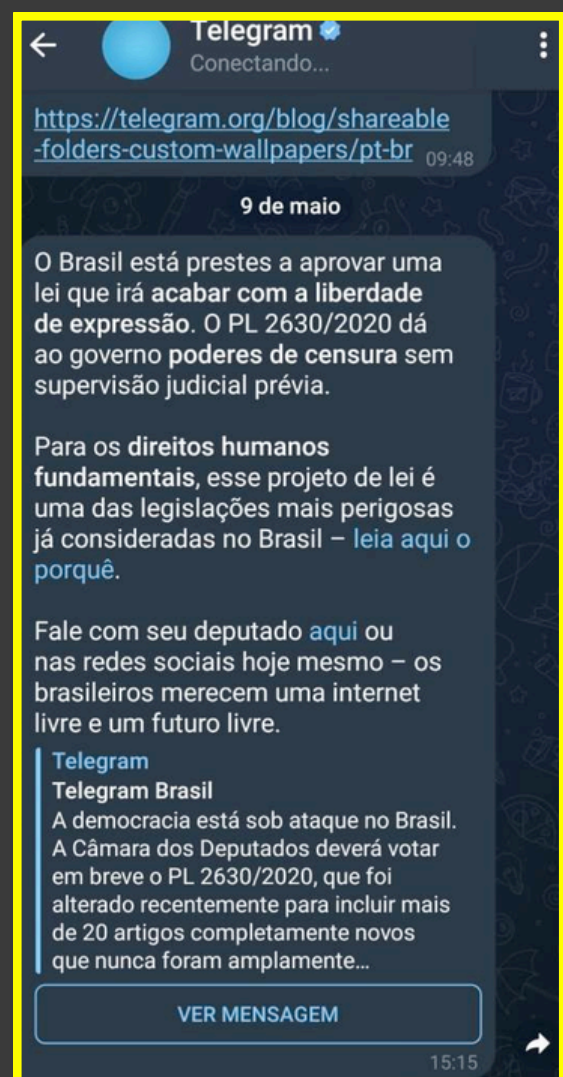
Uma constatação marcante em todos os estudos de caso é a consistência das estratégias de lobby das big techs. Essa abordagem de copiar e colar revela como as gigantes da tecnologia empregam seu poder estrutural globalmente.

As gigantes de tecnologia alavancam seus recursos financeiros, equipes jurídicas e de lobby, acesso a dados, rede de aliados e controle de plataformas para implementar estratégias e táticas em uma jurisdição, refiná-las e replicá-las rapidamente em outros lugares.

As empresas se apoiam mutuamente, empregando suas táticas compartilhadas a serviço de objetivos comuns. No Quênia, Bolt e Uber, por exemplo, deixaram de lado sua intensa rivalidade para fazer lobby juntas contra um novo teto de suas comissões.

No Brasil, o Telegram enviou notificações em massa para milhões de usuários em um esforço para barrar o Projeto de Lei das Fake News (à direita), poucas semanas depois de Meta e Google terem empregado uma tática similar no país.

O resultado é um campo de batalha político altamente assimétrico. Enquanto a sociedade civil, jornalistas, acadêmicos e reguladores operam localmente e frequentemente com recursos limitados, as big techs se coordenam globalmente, aprendem rápido e intervêm em todo lugar ao mesmo tempo. É assim que essas empresas sistematicamente espalham, consolidam e expandem seu poder mundialmente.



## **ESTRATÉGIA PARA O FUTURO**

### **UMA ALIANÇA IMINENTE COM A EXTREMA-DIREITA**

As estratégias acima são testadas e comprovadas, mas não são estáticas, e estamos começando a ver uma mudança na forma como essas empresas operam. O crescente alinhamento com forças de extrema-direita nos EUA e no Brasil é um sinal particularmente preocupante do que está por vir.

Essa aliança, combinada com o controle das big techs sobre a infraestrutura de informação, cria uma ameaça singular à democracia em sentido amplo. A Meta já adaptou políticas de conteúdo para agradar a administração Trump, e Elon Musk usou o X para inclinara balança a favor da extrema direita alemã. Ainda não sabemos as dimensões completas de seu impacto, mas o que é observável é alarmante.

Mais do que qualquer outra indústria, as big techs têm o poder de influenciar como as pessoas e os formuladores de políticas pensam e quais escolhas acreditam existir. O que acontece se essas empresas apertarem ainda mais esse controle? O lobby pode se tornar redundante se um pequeno grupo de atores controlar os fluxos de informação e os algoritmos que moldam eleições, não apenas leis.

### **AS RESPOSTAS DAS EMPRESAS**

Como parte desta série, oferecemos a várias empresas e organizações a oportunidade de responder à nossa análise. Nem todas responderam. As perspectivas daquelas que responderam estão incorporadas nos artigos relevantes. As respostas completas podem ser acessadas aqui.

PARTE 2

# RECODIFICANDO O SISTEMA

*Oito contra-estratégias iniciais para transformar lutas dispersas em uma luta compartilhada e transnacional.*



## ROMPER O MANUAL

O lobby das big techs, que passou em grande medida sem ser questionado por mais de uma década, resultou em um pequeno grupo de empresas detendo enorme poder de mercado. A monopolização da infraestrutura essencial de comunicação tornou essas empresas parte fundamental do cotidiano de bilhões de pessoas, dando-lhes influência sobre os processos políticos. O sucesso de sua cartilha de lobby permite que elas reescrevam as regras democráticas de modo que o interesse público sempre fique em segundo lugar em relação ao seu lucro corporativo.

*No entanto, também vemos alguns casos importantes em que governos e a sociedade civil conseguiram resistir, e as gigantes corporativas foram – pelo menos temporariamente – derrotadas.* Tais exemplos podem oferecer lições importantes para aqueles que buscam tornar as empresas tecnologia democraticamente responsáveis.

Retomar o poder dessas gigantes corporativas não será fácil. Romper seu manual de lobby global é vital para começar a reconfigurar o sistema. Os casos nesta série apontam para algumas das formas pelas quais a sociedade civil e os grupos de interesse público podem reagir. Ao aprender com as experiências uns dos outros, podemos transformar lutas dispersas em uma luta compartilhada e transnacional para retomar o controle democrático sobre nosso futuro digital.

Com base nas lições dos seis estudos de caso, propomos um conjunto inicial de contra-estratégias. São "iniciais" porque o antídoto para a influência ds big techs deve ser um conjunto dinâmico e criativo de estratégias. Uma abordagem estática não funcionará. Ações que confrontem seu poder narrativo e de amplificação devem ser acompanhadas de iniciativas mais ousadas e de maior alcance.

## **CONTRA-ESTRATÉGIA #1**

### **EXPOR A MÁQUINA DE INFLUÊNCIA**

O lobby funciona melhor quando passa despercebido. É por isso que sempre foi uma atividade secreta. Os políticos sabem que arriscam a ira dos eleitores se forem vistos como cooptados ou capturados por grandes interesses empresariais. Expor as táticas de lobby das big techs, não apenas em geral, mas especificamente, ajuda a neutralizar seu poder.

O lobby é um jogo de chamado e resposta. Ele só funciona se aqueles que fazem leis e políticas escutam. Precisamos prestar mais atenção a esse lado da equação porque, como os estudos de caso mostram, muitos, muitos legisladores estão ouvindo a máquina de lobby das big techs. ***Os formuladores de políticas precisam ser muito mais conscientes e muito mais críticos, sabendo que serão cobrados se agirem com base na avalanche de propaganda autointeressada dessas corporações. Ao expor claramente as táticas e estratégias das big techs, podemos colocar os formuladores de políticas em alerta e exigir que prestem contas do que ouvem, do que permitem que os influencie e em cujo palanque se sentam.***

A sociedade civil no Quênia, na Índia, no Brasil, na Austrália, na Europa e nos EUA já está conectando os pontos ao documentar as atividades de lobby. No Brasil, pesquisadores expuseram a instrumentalização das plataformas pelas big techs em tempo real. Na Europa, investigações da sociedade civil rastream o dinheiro por trás de estudos de consultorias econômicas, expondo-os como extensões pagas do lobby das big techs. Essas investigações colocaram os holofotes sobre como o lobby dessas gigantes realmente funciona.

Expor como as empresas influenciam nossos políticos e funcionários públicos é poderoso porque é algo que a maioria das pessoas sabe que é prejudicial. Ser claro sobre como a máquina de lobby das big techs funciona e quem está caindo em suas táticas autointeressadas pode ajudar a retomar alguns espaços democráticos.

## **CONTRA-ESTRATÉGIA #2**

### **REVELAR VÍNCULOS OCULTOS**

O financiamento das big techs a terceiros, como organizações não governamentais, think tanks e órgãos de pesquisa, deveria ser social e politicamente rejeitado, não normalizado. A prática de astroturfing é especialmente tóxica para a formulação de políticas, e as empresas precisam ser forçadas a parar de usá-la por meio de pressão pública e regulações de transparência e integridade.

Na União Europeia, por exemplo, após denúncias da mídia e da sociedade civil, membros do Parlamento Europeu apresentaram queixas oficiais contra Amazon, Google e Meta e entidades por elas financiadas por astroturfing e lobby obscuro.

Formas mais sutis de influência devem, no mínimo, ser tornadas transparentes.

**Indivíduos e organizações – incluindo associações empresariais e comerciais, consultorias, órgãos de pesquisa – devem divulgar seus financiamentos, afiliações e conflitos de interesse ao publicar estudos ou pesquisas e ao participar de discussões de políticas.** Tal divulgação deve ser proativa, específica e acessível.

Separadamente, as big techs também devem divulgar proativamente todas as entidades que financiam ao redor do mundo. Essas divulgações devem ser suficientes para permitir que formuladores de políticas, jornalistas e membros do público identifiquem e contestem claramente a influência das big techs.

## **CONTRA-ESTRATÉGIA #3**

### **RETOMAR A NARRATIVA**

A sociedade civil se tornou mais estratégica ao contrapor a narrativa pública das big techs ao conectar os impactos negativos dos produtos dessas empresas – violações de privacidade, desinformação, discriminação automatizada, ameaças a crianças, precarização do trabalho, exploração de pequenos negócios – ao modelo de negócios e à sua estratégia de dominação de mercado.

Também tem sido crucial deixar claro que esse pequeno número de bilionários e empresas é guiado pelo autointeresse, que frequentemente está em desacordo com os melhores interesses do público em geral.

No Brasil, por exemplo, o Eca Digital avançou rapidamente, uma vez que o debate se concentrou em plataformas lucrando com conteúdo que sexualizava crianças, em vez de um debate abstrato sobre liberdade de expressão online. No Quênia, trabalhadores se associaram a jornalistas para documentar os impactos reais dos modelos de negócio das big techs. E então garantiram que fossem ouvidos organizando greves nacionais.

***A comunicação poderosa é vital. As evidências devem alcançar as pessoas de formas convincentes, e devem continuar chegando. O poder de comunicação das big techs garante que sua história seja contada o tempo todo. Devemos fazer o mesmo.***

## **CONTRA-ESTRATÉGIA #4**

### **CONTRA-ATACAR NOS TRIBUNAIS**

Em muitos dos estudos de caso, as big techs usaram o direito para obstruir a implementação de regulações. Ainda assim, o direito e os tribunais também foram instrumentos de contenção dessas empresas, desafiando seus excessos e dando às vozes de resistência uma plataforma que não era controlada por algoritmos.

Uma lição importante vem do Quênia, onde trabalhadores de tecnologia e seus advogados entraram com uma ação constitucional contra o processo político que levou a uma lei moldada para interesses corporativos.

A litigância estratégica pode ser uma ferramenta poderosa para combater a Cartilha de Lobby das Big Techs. É mais eficaz quando coordenada. Processos judiciais em dezenas de jurisdições confrontam as mesmas questões repetidamente, mas com demasiada frequência as vitórias (e derrotas) ficam isoladas.

Juristas e ativistas podem alavancar as batalhas jurídicas acumuladas para contar uma história de Davi contra Golias.

## **CONTRA-ESTRATÉGIA #5**

### **UNIR OS MUITOS PARA RESISTIR AOS POUCOS**

O poder das big techs é enorme, mas está concentrado em apenas um punhado de empresas e bilionários. Precisamos contrapor esse poder trabalhando em amplas coalizões com aliados antigos e novos. Não temos seu dinheiro, mas temos uma rede potencialmente global de ativistas que podem reagir com convicção.

O lobby dessas empresas prejudica comunidades e causas tão variadas quanto clima, direitos das crianças, acesso à saúde, mineração, direitos trabalhistas, pequenos negócios e meios de vida criativos, para citar apenas alguns. Seus produtos amplificam discriminação, provocam racismo, misoginia e discurso de ódio. Envenenam a política.

As bases ativistas que trabalham em todas essas e muitas outras questões se unem para confrontar o que ameaça a todos nós? Ainda não, mas a sociedade civil pode construir essas alianças, contar uma história compartilhada e contrapor sua riqueza com ondas de ativismo.

***Coalizões precisam de tempo e energia para serem construídas, assim como flexibilidade. Não precisamos concordar em todos os detalhes; apenas que o lobby das big techs é um obstáculo sério para proteger as coisas com as quais nos importamos.***

## **CONTRA-ESTRATÉGIA #6**

### **CONECTAR FORMULADORES DE POLÍTICAS SOB CERCO**

O lobby funciona sobre os legisladores. E enquanto alguns estão capitulando, outros estão simplesmente sobrecarregados pela avalanche de dados e pressão. Os formuladores de políticas na Austrália que enfrentaram o grande apagão da Meta conversam com as autoridades no Brasil que confrontaram o Google pela instrumentalização da plataforma em um esforço para descarrilar a Lei das Fake News?

Como a pressão comercial dos EUA está sendo simultaneamente direcionada contra regulações digitais no Brasil, na Coreia do Sul, na Índia, no Canadá e na União Europeia, é especialmente crucial desenvolver uma resposta coordenada.

Parlamentares e funcionários de políticas cujos esforços para moldar a lei no interesse público são frustrados pelo lobby incessante das big techs precisam se encontrar e construir solidariedade. Eles podem compartilhar ideias e experiências. Uma vez que políticos e formuladores de políticas percebam que estão sujeitos aos mesmos ataques, há potencial para uma resistência colaborativa.

**É claro que nem todos os políticos e formuladores de políticas veem o lobby das big techs como um problema, mas alguns veem. Precisamos encontrá-los e trabalhar com eles.** Para os demais, a Contra-estratégia #1 é projetada para forçar aqueles cujo trabalho é agir no interesse público a assumir responsabilidade pelo que permitem que os influencie.

## CONTRA-ESTRATÉGIA #7

### TORNAR ILEGAL A INSTRUMENTALIZAÇÃO DAS PLATAFORMAS

A ação da Secretaria Nacional do Consumidor do Brasil, que estabeleceu uma multa de R\$ 1 milhão por hora se o Google não removesse mensagens enganosas de lobby atacando o PL 2630 (o chamado "Projeto de Lei das Fake News"), deveria ser uma inspiração para legisladores em todo lugar.

O Google não ficou satisfeito e negou irregularidades, mas a empresa cumpriu. O Supremo Tribunal Federal do Brasil também ordenou que Google, Meta e Spotify removessem anúncios e conteúdos coordenados atacando a lei, sob ameaça de multas.

Talvez a lição mais significativa do caso brasileiro seja que o controle das big techs sobre plataformas de informação dominantes lhes concede um poder político especial. Após a intensa campanha corporativa contra o Projeto de Lei das Fake News, a sociedade civil apresentou denúncias à autoridade de concorrência contra Google e Meta por abuso de poder de mercado, reenquadrando o comportamento das gigantes da tecnologia como manipulação ilegal, não apenas lobby político.

***A sociedade civil precisa construir sobre essa experiência para garantir que os reguladores de mercado (incluindo concorrência, serviços digitais, proteção ao consumidor e de dados) sejam pressionados a agir corajosamente para dismantelar esse poder.*** Aprender com a experiência do Brasil e garantir que ela seja amplamente compartilhada pode ajudar a catalisar ações e campanhas entre jurisdições para combater uma das táticas de lobby mais coercitivas e danosas da big techs.

## **CONTRA-ESTRATÉGIA #8**

### **APROVEITAR O MOMENTO**

A resistência contra o lobby das big techs deve ser ágil e responsiva (mas nem sempre reativa). Quando surgem oportunidades, devemos ser capazes e estar dispostos a aproveitar o momento. Não devemos permitir que nos distraiam ou que percamos o impulso popular ou político.

O Eca Digital no Brasil é um bom exemplo de como um momento foi aproveitado rapidamente, sem dar às gigantes da tecnologia tempo para distorcer a discussão. Em agosto de 2025, um vídeo viral expôs como as redes sociais estavam hospedando, amplificando e monetizando conteúdo que sexualizava e colocava crianças em risco.

Um projeto de lei que vinha lentamente tramitando pelo processo há anos veio à tona. ***Embora a maquinaria de lobby tenha entrado em ação imediata, a capacidade de uma ampla gama de grupos da sociedade civil de sustentar o impulso garantiu que o projeto fosse aprovado em um mês.***

Aproveitar momentos e não dar tempo para a máquina de lobby funcionar pode ser uma tática crítica.

# SOBRE AS ORGANIZAÇÕES

## SOMO

*A SOMO é uma organização de conhecimento e pesquisa sediada na Holanda que investiga multinacionais. Independente, factual e crítica, temos um objetivo claro – um mundo justo e sustentável em que os interesses públicos prevaleçam sobre os interesses corporativos. Desde 1973, como Centro de Pesquisa sobre Corporações Multinacionais, trabalhamos para transformar o sistema econômico restringindo o poder corporativo e defendendo a justiça social. Realizamos pesquisas orientadas à ação para expor o impacto e o poder sem precedentes das multinacionais e para revelar as estruturas subjacentes que as sustentam.*

## CTRL+Z

*A CTRL+Z é uma organização social brasileira que enfrenta o modelo de operação das big techs. Nossas estratégias incluem investigar e expor abusos, mover ações judiciais estratégicas e mobilizar pessoas – transformando indignação em ação organizada e efetiva pela responsabilização das gigantes de tecnologia, e pela transformação do setor de tecnologia visando o bem-estar coletivo. Nosso trabalho é ampliar caminhos para que cidadãos deixem a posição passiva de consumidores e se tornem agentes ativos de transformação e luta.*